

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte 0 São Paulo Class.: 78

Data 13 a 19/06/80 Pg.: _____

SÃO PAULO, 13 a 19/06/80

“O Brasil não foi descoberto, foi roubado”

A XIII Assembléia Indígena foi realizada no dia 11 de outubro do ano passado em Ilha de São Pedro, Porto da Folha, Sergipe. Agora, o boletim do Conselho Indigenista Missionário-Cimi, n.º 63, de abril, publica as falas desse importante encontro. Participaram os Kaimbé, de Maçacara, Euclides da Cunha (BA) e os Truká, da Ilha da Assunção, Cabrobó, (PE), os Tupiniquim e os Guarani, do Espírito Santo, os Kaióá, Guarani Tapirapé, Kayabi, Xavante, Bakairi, Iranxe, Rikbaktsa e Nambikwara, de MT.

Para se ter uma idéia das dificuldades de se fazer esse encontro, basta dizer que D. José Brandão, bispo de Propriá, um dos grandes defensores dos Xokó, na luta pela retomada de suas terras, foi procurado por um representante da Funai, que o ameaçou. Caso a assembléia se realizasse na ilha de São Pedro, ele se retiraria da causa dos Xokó.

Coube aos próprios índios decidirem por um local alternativo. O encontro foi realizado às margens do Velho Chico. O encontro foi aberto solenemente na noite de 11 de outubro, mas na prática só teve início às 8,45 horas do dia 12, sexta-feira. Prosseguiu por mais dois dias. Aqui, um resumo do que aconteceu no primeiro dia do grande encontro dos índios. As falas foram transcritas das fitas tal como se deu na reunião, e mantemos aqui a grafia do original.

João Marcelino (Kaimbé):

— Então, meus irmãos, somos os índios Kaimbé, de Massacará. Viemo 5 aqui prá ilha de São Pedro, chamado pelos nossos irmãos índios Xokó. Viemo aqui tô com uma satisfação de ver aqui tudo na união. Eu vou contar a minha situação. Nós começamos lá o serviço, derrubemo lá um arame, prometeu que os índios agora iam escrever muito. Não sei, tá na mão de Deus primeiramente, dos homens que estão por aí a nosso favor. Tem o arame do Severino, que nós pretende, quando tirar a picada, por no chão. Se possível, se todos os índios ajuda, nós queremos fazer este serviço. Queremo tirar o mato pra fazer roça. Então nós queremos fazer isso e quere-

mo o apoio de todos os índios e desses homens que tem aqui trabalhando com nós. Da minha parte é o que tinha prá falar.

Pe. Thomás:

— Eu não queria falar, porque não sou índio. Mas a pedido do patricio Xinunxi (iranxe) eu vou falar. Trabalho há dez anos com os índios e agora moro na aldeia dos índios Myky. Faz oito que descobrimos esses índios, derrubando com machado de pedra. São só 28 índios. E eu quero apontar este grupo prá vocês, que é um povo forte de só 23 índios, que nós encontramos. Morreram 4 índios depois de 2 anos com a primeira gripe que veio. Agora está crescendo e eu digo que o povo é forte, porque foram capazes de enfrentar um fazendeiro forte que enganou a eles, mandou eles embora. Eles foram, mas depois descobriram que foram enganados. O chefe deles foi à Funai (Cuiabá), conseguiram retomar a área. São só 23 e hoje têm área medida e demarcada de 47 mil hectares. Eu queria deixar esse exemplo aqui. São só 23, agora pouco mais, têm uma área grande e todo mundo respeita, porque eles tem direito. Não compraram a terra com dinheiro, mas com o suor e com a vida. Assim, cada povo tem que ter um chão aonde viver, aonde crescer, aonde se desenvolver, como vocês, que estão nesta luta aqui, também eles estão lá e mandaram dizer isto prá vocês.

Alberto Gonçalves Teixeira, Kaimbé:

— O Brasil era dos índios. O Brasil não foi descoberto. O Brasil foi roubado. Quando descobriram o Brasil, em vez de se chamar os índios dono do Brasil que moravam, era a nação que tinha no Brasil era os índios, eram os donos. Eles chegaram e roubaram os índios e pagaram com cacete, com tiro, com pancada, outros morto pela fome pros mato, com medo da situação. Teve uma questão que eu ganhei, mas depois de cinco anos, depois de muito sacrifício. Era prá cercar uma roça. Eles derrubando de um lado e eu trabalhando do outro. Agora nós não vamos esmorecer não. Tamo entrando devagarzinho e eles já estão sofrendo com nós. A minha família é de índios. Mas os meus filhos estão tudo deslocado

peio mundo, prá São Paulo, Rio, Salvador, porque não tem terra prá trabalhar, faz mais de 400 anos que os tubarão tomaram nossas terras. A nossa terra, as águas, tão tudo preso, tudo cercas adentro.

Deodato José dos Santos, Truká:

— Há 40 anos que nós vive lutando pelo direito de nossas terras, mas até hoje nada conseguimos. Somente fomos enganados. Hoje os brancos falam que vão fazer tudo de bom, mas quando passa um mês e se a gente fazer uma roça os outros fazem rocinha nos espigão da ilha, os fazendeiros botam o gado destro prá comer nossa lavoura. Agora peço licença praquela rapaz (Truká), contar a história dele, que é bem pequenina. Se passou-se na roça dele. Depois de tudo plantado, veio a Companhia, a DPV (Departamento de Produção Vegetal) que está montada numa parte de nossas terras e de outra parte os particulares, os fazendeiros, que tem bons carros na cidade, boas fazendas de gado e carro de cereais prá rodar para São Paulo e para todo canto é que estão apossados nas nossas terras. Esse povo é que vive nos matando, sufocando nossas resistências, deixando nós fracassado.

Miguel João, Truká:

— Somos índios da Ilha de Assunção e estamos aqui na presença dos índios Xokó. Nossa aldeia tá muito fraca, devido às consequência dos grandes. Esse ano foi um ano de muito apelo. Tentamos fazer uma roça dentro da área. Depois da planta criada, eles vieram tudo armado, um cabo de homens, soldados. Aí araram nossas plantas. Cortaram a roça e ficou nesse sofrimento. Sou pai de onze filhos e fiquei devendo dinheiro pro banco e prá particulares. Mas Deus olha prá nós tudo e tenho esperança.

Tururim, Pataxó:

— Sou da tribo Pataxó de Monte Pascoal da descoberta do Brasil. A independência dos meus velhos antigos. Então lá hoje é Parque Nacional do IBDF. Mas antes de existir o parque já existia nós. Antes de existir IBDF já existia nós. E nós, índios, somos donos de nossas terras. Lá a Funai tomou providência, mas ainda não che-

gou o acordo prá nossa terra, desde o tempo do SFI (Serviço de Proteção ao Índio, mais tarde Funai).

.. José, Tupiniquim:

— Estou aqui prá contar a história que se passou na nossa aldeia de Caieiras Velhas, no Espírito Santo. Lá sempre foi aldeia dos Tupiniquim. Os brancos chegaram lá pedindo pelo amor de Deus um pedaço de terra. Quando os índios se deram conta, os brancos já tinham vendido tudo prá Florestal (Aracruz Florestal), que plantou eucalipto. Só ficuemo numa pequena área sem plantar, preso, sem ter mais mata. O que nós fizemo? Comunicuemo, junto com os Guarani, com a Funai, fizemos uma reunião. Procuremo o documento (da sesmaria). Achemo e tiremo um xerox. Depois nós reunimo e entramo a derrubar na mata. A Florestal veio embargar com a polícia. Mas não paremo, porque a terra é nossa. Agora nós tamo batalhando que é prá Funai demarcar.

Xinunki, Iranxe:

— Onde nós mora chama aldeia Cravari e tam 200 pessoas, as crianças toda eu acho que não é tanto como nas outras aldeia. Os índios sempre tem problema não é só vocês, só aqueles. Eu vou contar uma coisa. O fazendeiro invadiu também nossa terra, não é tão grande, mais ou menos 25 mil hectares de terra que nós temo. Então foi o agrimensor, passou a medição no meio da terra. Então capitão foi caçar, viu aquela picada e acompanhemo, chegamo até onde tava o agrimensor. “Ah, eu tô fazendo aqui por mandado, mandado do meu patrão”. Nós tamo aqui também a mandado do capitão. Se quiser terra, vai tirar em outro lugar. E ele queria agradecer nós. Então ele começou a falar “essa terra é nossa”. Eu falei: Não senhor, é nossa. Rode desaparecer daí. Certo. Conversemo lá bem direito tudo. Foi embora e ainda falou: “Quando chegar em Cuiabá, eu compro um tanto de coisa prá vocês”. Veja como é o branco, né? Trago as coisas, pano, um tanto de coisinhas prá vocês. Não interessa, nós queremo só terra, terra e ferramenta, sim. Aí então parou”.